OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 328

1 DE FEVEREIRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A França acaba agora de perder um dos seus mais notaveis escriptores dramaticos, uma das suas glorias theatraes mais indiscutiveis e mais incontestadas, um homem cujo extraordinario talento comico era tão universalmente reconhecido e festejado, que a sua morte enche de lucto não só o theatro francez, mas todo o theatro contemporaneo.

Esse homem chamava-se Eugenio Labiche.

Eu não sei se todos os lisboetas, se todos os portuguezes conhecem bem este nome, se ligam o nome á obra: agora o que sei é que não ha ninguem em Lisboa que não tenha rido a bandeiras despregadas com as peças de Labiche, que não lhe deva algumas das horas mais alegres da sua vida.

E por isso, consagrar uma chronica portugueza a Eugenio Labiche, é muito mais do que uma homenagem litteraria, é por assim dizer, um dever de gratidão nacional.

No theatro francez moderno ha muitos escriptores com graça, com *verve*, que tem a sciencia da situação comica, a sciencia do bom dito a proposito, ha Meilhac, Halevy, Sardou, Alexandre Bisson, Grenet-Dancourt, Abraham Dreyfus, Gondinet, Emilio de Najac, Albert Millaud, Noriac, Leterrier, Chivot, Vaulso, Duru, Marot, Ordonneau, Fabrice, Carré, Decourcelle, Delacour, Paul Ferrier, Heunequin, etc., e muitos outros, mas não ha nenhum que tenha o feitio excepcional, a graça originalissima, o espirito perfeitamente extranho e individual, que caracterisava Labiche, a graça elevada a uma altura, em que chega a ser genio.

E foi essa graça unicamente que lhe abriu de par em par as portas da Academia e que o fez *immortal* em vida, como depois de morto o hade fazer immortal na historia do theatro do seculo XIX.

Eu tenho por Labiche uma admiração que chega ao fanatismo, porque nunca nenhum humorista me fez rir tão expontaneamente, tão sinceramente, nunca nenhum observador, nenhum anatomista da alma humana me fez ver tão bem os seus ridiculos, como esse grande escriptor, apparentemente tão superficial, com o seu eterno riso, com a sua perenne alegria bonacheirona.

Eugenio Labiche foi mais que um grande escriptor, foi um benemerito da humanidade, porque a sua passagem por este mundo foi uma enorme e franca gargalhada, que durou cincoenta annos, e n'este valle de lagrimas ha tantas e tantas coisas que nos entristeçam, que o alegrar-nos chega a ser a melhor acção que se póde praticar.

E essa acção praticou-a Eugenio Labiche durante 50 annos, e pratical-a-ha ainda por muito tempo, porque se elle morreu, as suas obras hão de fatalmente sobreviver-lhe, hão de fazer rir ainda muito os nossos netos, como já fizeram rir a bandeiras despregadas os nossos avós.

A primeira peça de Labiche data de 2 de julho de 1838; a sua ultima peça de 5 de janeiro de 1877 — a primeira foi um vaudeville em 1 acto, *Mr. de Coestin*, representada no Palais Royal, a ultima *la Clé*, um vaudeville em 4 actos representado n'esse mesmo theatro: quando nós começámos a frequentar o theatro, a occupar-nos de coisas theatraes, ha já que tempos que Labiche enchia todos os theatros do mundo com as suas peças: ha onze annos que elle deixou d'escrever, pois apesar d'isso as suas comedias triumpham ainda hoje em toda a linha, não só no estrangeiro como tambem na França, e essas peças velhas, essas peças que tem 15, 20 e 30 annos d'idade, são ainda hoje os grandes acontecimentos theatraes de Paris, batem-se em *reprise* com as peças novas e levam-n'as de vencida, e nos annaes theatraes da França d'estes ultimos tempos, encontramos, ha tres annos, entre os maiores successos da epocha theatral de Paris, a *Voyage de mr. Perrechon*, de Labiche, que se representou pela primeira vez em

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

OS CALAFATES, SETUBAL — QUADRO DE J. VAZ (Desenhado do quadro por J. Christino)

1860; ha dois annos, *Doit on le dire?* que se representou pela primeira vez em 1872; no anno passado *Os Caminhos de Ferro*, este anno o *Celemare le bien aimé*, que tem a respeitavel idade de 25 annos, e a Renascença tem prompta para subir á scena a *reprise* da *Station Champhaudet*, que em 7 de março faz 26 annos! não contando com as peças que estão permanentes no *reportorio*, como a *Cagnotte*, *O Chapeu de palha d'Italia*, etc.

Já veem que não é preciso ser muito propheta nem ter por Labiche muito fanatismo, para vaticinar a longa vida que espera essas peças, que ao cabo de 26 annos de feitas e representadas, tem ainda todo o sabor de novidade e de actualidade, e se fazem ouvir não com o agrado respeitoso com que se escutam as obras primas consagradas, mas com o grande successo de gargalhada e de alegria que leva de batida todas as peças modernas do mesmo genero.

Disse ha pedaço que não ha ninguem em Lisboa, que ande por theatros, que não tenha rido com as peças de Labiche, e ia jural-o sobre umas horas. Labiche é um dos auctores que mais traduzidos e representados tem sido em Portugal n'estes ultimos 40 annos, que mais festejados tem sido, que mais enchentes tem dado ás nossas emprezas theatraes.

Quando nós eramos ainda pequenos encontrámos Labiche no theatro de D. Maria, na unica peça que elle escreveu para o Theatro francez, — *Moi!* que em Lisboa se dava com o titulo de *O Egoismo*, traduzida não sei por quem — ha que annos que isso foi! — e representada pelo Theodorico que fazia o papel principal, e que o representava muito a sério, quasi em drama, porque a reminiscencia que nós temos da unica vez que o vimos, e muito creança ainda, são as reminiscencias do fim da peça, quando todos o abandonavam e elle ficava só em scena, fechando o acto com um grande grito dramatico.

E depois começámos a encontrar Labiche por todos os theatros e quasi sempre com successo, porque a graça d'elle é geralmente graça para todos os publicos, não é como o espirito ás vezes demasiadamente parisiense de Gondinet, de Meilhac, de Millaud, que nem todos percebem.

Uma das poucas peças de Labiche que nunca conseguiu agradar em Lisboa, foi o *Chapeu de palha d'Italia*.

Ha muitos annos deu-se traduzida não sei por quem e cahiu redondamente: ultimamente o mallogrado Antonio de Menezes traduziu-a para o Principe Real e teve o mesmo insuccesso, e até ha pouco tempo, quando o celebre actor Depuis esteve em Lisboa e a deu em francez no theatro de S. Carlos, não agradou.

E não obstante o *Chapeu de palha d'Italia* é considerado pela critica franceza como uma das melhores comedias do grande escriptor.

A *Cagnotte* tambem da primeira vez que se deu em Lisboa, na Trindade, com o titulo de *Provincianos em Lisboa* cahiu com uma pateada tremenda.

Mais tarde o publico, já mais preparado para receber este genero de peças, por mais familiarisado com o moderno reportorio francez, recebeu-a com grande applauso, traduzida com o titulo de *O dinheiro do anão* e representada magistralmente pelo Taborda, Antonio Pedro, Montedonio e Polla.

O reportorio de Eugenio Labiche consta ao todo de 150 peças; das peças grandes, muitas, como já dissemos, tem sido traduzidas e representadas em Portugal, as comedias em um acto, todas ellas tem tido um sem numero de traducções, imitações e adaptações nos nossos theatros, e actualmente, por exemplo, estão em scena com successo em Lisboa, duas comedias em um acto, de Labiche, uma em D. Maria *A escolha d'um genro*, outra na Trindade *Carneiros na sobre-loja*.

Uma comedia em tres actos do fallecido escriptor D. José d'Almada, e que teve em tempo extraordinario agrado em Portugal *O casamento singular*, foi feita sobre uma comedia em um acto de Labiche — *Le clou aux maris*.

Temos enchido toda a chronica fallando de Labiche e não o lamentamos porque o grande humorista que tanto nos fez rir com a sua inimitavel *verve*, com o seu originalissimo espirito, tinha bem direito a esta homenagem.

E apesar de termos empregado toda a chronica a fallar do grande escriptor francez, muito nos fica ainda por dizer da sua colossal obra, do seu extraordinario espirito.

O espirito de Labiche é d'uma fecundidade prodigiosa, e os bons ditos espalhados por todas as suas comedias, dariam ao colleccionador mais difficil, numerosos volumes.

Fecharemos a nossa chronica com um d'esses ditos.

E vamos buscal-o a uma das obras menos conhecidas e menos importantes de Labiche, a uma comedia n'um acto *L'Avocat d'un grec*, que foi representada ha 29 annos em Paris e que nem sequer figura nos dez volumes do seu *Theatro Completo*.

O dado da peça é extremamente comico.

O advogado Brassard defendendo no tribunal um gatuno exclamara n'um impeto de eloquencia:

«O reu, meus senhores, o homem a quem accusam, o homem a quem esmagam debaixo da mais infame das suspeitas, é um homem de bem... e eu dar-me-hia por feliz... por orgulhoso, em tel-o por irmão».

O reu é absolvido, graças á eloquencia do seu defensor, mas o futuro sogro d'esse defensor, que assistia aos debates, tomando ao pé da lettra tudo o que o seu genro diz, e julgando ser-lhe agradavel, convida o gatuno absolvido para jantar em sua casa!

Estão vendo d'aqui a cara do advogado, quando ao entrar em casa da sua noiva, encontra, sentado á meza, recebido com todas as honras, o gatuno, que momentos antes defendera sem a mais ligeira convicção da sua innocencia.

O dialogo entre o sogro e o genro a este respeito é desopilante.

— Então se o julgava culpado para que o defendeu? pergunta-lhe furioso o sogro. Se os advogados nunca defendessem as más causas...

— Não haveria necessidade de defender as boas.

— E depois que mal vinha d'ahi?

— Vinha que deixaria de haver advogados.

— E depois? O que tinha isso?

— Era uma vez juizes, advogados, escrivães!

— E o que tinha isso?

— Tinha que seria necessario mandar arrazar os tribunaes de justiça.

— E o que tinha isso?

— O que tinha? Para que serviria então o Arco do Triumpho?

— Tem razão... ganhou... tem carradas de razão, é logico, agora é logico, exclama o sogro finalmente convencido.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO GRUPO DO LEÃO

Os calafates, Setubal, quadro de J. J. Vaz.
Pensativa, quadro de Malhoa

Principiamos hoje a publicar no Occidente alguns quadros que figuraram na ultima exposição do *Grupo do Leão* ha pouco encerrada.

Esperavamos, conforme os mais annos, publicar um artigo especial de critica d'esta exposição, que tem sido confiado ao nosso distincto collaborador o sr. Monteiro Ramalho, mas razões ponderosas que o sr. Ramalho nos apresentou e que nós respeitamos, não permittiram que elle escrevesse esse artigo, tendo nós á ultima hora de modificar o nosso proposito, acompanhando as gravuras dos quadros com pequenos artigos n'esta secção, para evitarmos mais delongas.

Explicado o caso, passemos uma rapida vista d'olhos pela exposição e digamos em duas palavras a impressão geral que ella nos fez.

No dia 15 de dezembro do anno passado lá estivemos á abertura da exposição, que se inaugurou com a regularidade periodica de um chronometro, regularidade pouco em harmonia com os habitos dos filhos d'esta terra.

Isto é já por si uma novidade, se a insistencia e tenacidade com que os artistas que compõem o *Grupo do Leão* investem e porfiam contra a indifferença lisboeta, não fosse tambem uma novidade, no meio anemico e descrente em que vivemos.

Mas abençoada insistencia e tenacidade, que de anno para anno se vae fortificando com novos elementos de progresso, tanto por parte dos artistas como por parte do publico.

Sim, os artistas triumpham e o publico animaos nos seus triumphos.

A exposição d'este anno sobrelevou-se ás dos mais annos pela variedade e pela qualidade, e os olhos poderam admirar, além das paizagens e das flores, alguns quadros de composição, de costumes e de architectura, que até então estavam pouco habituados a vêr, nas salas do *Commercio de Portugal*.

N'isto consiste a grande novidade da ultima exposição, e o notavel progresso que n'ella se poude observar.

Não entraremos na apreciação especial de cada uma das obras que alli se apresentaram, pela simples razão de não estarmos para isso preparados com os apontamentos imdispensaveis, que não fizemos porque não esperavamos ter de nos occupar d'este assumpto, e assim apenas diremos das obras que mais nos impressionaram, e que escolhemos para reproduzir pela gravura, nas paginas do Occidente.

Principiaremos pelo quadro que tem no catalogo o n.º 95 e o titulo de «Os calafates, Setubal» que reproduzimos na primeira pagina, e de que é auctor o sr. J. J. Vaz, artista já muito conhecido pelos seus bellos quadros, e que n'esta exposição continúa a revellar os progressos da sua paleta, de um modo verdadeiramente notavel.

O quadro de que nos occupamos é um dos melhores que este artista expõe, se bem que tenha outros de não inferior merecimento, como é o do «Convento de Christo, Thomar», os «Faluchos no Sado», o «Convento de Santa Clara, Santarem», e «Em Dezembro», que já foi premiado na ultima exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes.

A outra gravura que publicamos, reproduz um bello quadro de Malhôa, que tem o n.º 42 do catalogo e o titulo «Pensativa».

Uma cabeça de uma joven, que póde tambem ser um retrato, e o será do modelo um pouco macerado e triste, como quem tem desgosto e pensa n'elle.

Admiravelmente pintado o velludo azul do casaco guarnecido de arminho tão alvo e fino que parece ondular ao mais leve sopro.

Um bonito quadro que foi logo adquirido pelo sr. marquez da Foz, que tambem fez acquisição do bello quadro do «Convento de Christo, Thomar».

E iremos proseguindo em numeros successivos do Occidente com estas pequenas noticias e com mais algumas obras d'arte que figuraram na exposição do *Grupo do Leão*.

LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A FONTES PEREIRA DE MELLO

Celebrou-se no dia 22 de janeiro, primeiro anniversario da morte de Fontes Pereira de Mello, a ceremonia do lançamento da primeira pedra, no monumento que se vae erguer ao grande estadista portuguez, por subscripção nacional, promovida por uma commissão, de que é presidente o sr. conselheiro João de Andrade Corvo.

O monumento vae ser levantado na Avenida da Liberdade em frente da projectada entrada, que se deverá abrir, para o Jardim Botanico da Escola Polytechnica.

Este local é preferivel ao que primeiro se tinha escolhido, no largo de Camões, ainda que não fazemos perfeita idéa do effeito que o monumento fará na Avenida, por não sabermos ao certo qual o plano para a abertura projectada.

No mencionado local achava-se reunida grande multidão, e no recinto reservado para os convidados via-se grande numero de pessoas, onde figuravam os membros da commissão promotora do monumento, o ministerio, á excepção do sr. visconde de S. Januario que não compareceu por incommodo de saude, uma deputação das Camaras dos Dignos Pares e Deputados, da Camara Municipal de Lisboa etc.

Compareceu tambem a familia do illustre finado, e pouco depois das duas horas da tarde chegaram os srs. infantes D. Affonso e D. Augusto, representando Sua Alteza o sr. infante D. Affonso, Sua Magestade el-rei D. Luiz a quem o estado de sua saude não permittiu ainda o assistir a este solemne acto.

Assim que chegaram suas altezas, procedeu-se a leitura do auto que é do theor seguinte:

— Aos 22 dias do mez de janeiro de 1888, reinando Sua Magestade o Rei, Senhor D. Luiz, o primeiro d'este nome, n'esta cidade de Lisboa e na praça em construcção na Avenida da Liberdade, achando-se presentes os abaixo assignados e muitos outros cidadãos que não poderam assignar o presente auto, foi collocada a pedra fundamental do monumento que vae erigir-se por subscripção nacional, á memoria do que foi An-

tonio Maria de Fontes Pereira de Mello, conselheiro e ministro d'estado, como publico e perpetuo padrão da justiça, do reconhecimento e da saudade dos seus compatriotas pelas virtudes civicas, singulares talentos e patrioticos serviços que constituiram, honraram e immortalisaram a sua proeminente personalidade de cidadão e de estadista.

E para constar, a commissão executiva da grande commissão central de homenagem a Fontes Pereira de Mello, promotora da erecção do monumento, resolveu mandar lavrar o presente auto em dois exemplares, dos quaes um fica encerrado em cofre metallico na mesma pedra fundamental e o outro é entregue á camara municipal d'esta cidade, para que ella se sirva guardal-o no seu archivo.»

Feita a leitura, foi o auto assignado pelas pessoas presentes, inscrevendo-se em primeiro logar suas altezas, depois o ministerio, ministros de estado honorarios que se achavam presentes, os membros das deputações das duas camaras do parlamento, a familia de Fontes Pereira de Mello constando da irmã e sobrinhos do estadista, e por fim os membros da commissão promotora do monumento e mais algumas pessoas presentes que quizeram assignar aquelle documento.

Para a assignatura do auto estava uma meza collocada sobre um estrado, e coberta com a bandeira portugueza pertencente á Sociedade de Geographia de Lisboa.

A nossa gravura, reproducção de um dezenho, feito expressamente, pelo nosso collaborador artistico sr. Christino, que foi assistir ao acto, representa a occasião da assignatura do auto.

Terminada que foi a assignatura, foi o auto encerrado, junto com um exemplar de cada uma das moedas actualmente em circulação, dentro de um cofre d'aço, o qual foi depositado na cova que estava preparada no terreno sobre que vae ser levantado o monumento.

N'esta ceremonia tomaram parte suas altezas, o presidente da commissão sr. Corvo e os secretarios srs. Margiochi e Luciano Cordeiro, tomando o sr. infante D. Affonso em suas mãos a colher de cimento que lançou sobre a pedra que cobria o cofre.

Cerca das quatro horas estava concluida a ceremonia, que representa a primeira apotheose do grande estadista portuguez, prestada pelos seus concidadãos, que assim lhes manifestam o seu reconhecimento e gratidão.

Para a erecção do monumento foi aberto por espaço de 40 dias um concurso cujas condicções aqui deixamos consignadas.

1.º O local a que o monumento se destina é o centro da praça em construcção na Avenida da Liberdade, em frente da ampliação projectada do Jardim Botanico. A commissão porá á disposição dos concorrentes a planta da referida praça.

2.º O monumento deverá compôr-se de uma estatua pedestre, em bronze, representando Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e assente em pedestal de marmore portuguez. Os concorrentes terão plena liberdade de concepção e execução dos respectivos projectos, mas a commissão julga dever lembrar-lhes que o monumento é destinado a perpetuar a memoria da singular estatura moral e civica de Fontes Pereira de Mello, como estadista parlamentar: — da sua poderosa iniciativa e dos seus extraordinarios serviços na regeneração das forças economicas e politicas do paiz, = da sua acrisolada e previdente dedicação á independencia nacional e ás instituições constitucionaes, — do seu espirito de tolerancia e de isenpção politica, — dos seus persistentes esforços pelo progresso pacifico da nação e pela manutenção do credito, do direito e do bom nome d'ella.

3.º Os concorrentes deverão apresentar desenhos ou modellos em escala de 1:10 com todos os promenores e explicações que possam auxiliar a apreciação d'elles Estes modellos ou desenhos serão acompanhados dos respectivos documentos.

4.º O projecto será concebido de modo que o custo da sua construcção, incluidos os fundamentos não exceda á quantia de 30 contos de réis.

5.º Os modellos deverão ser marcados com um distinctivo egual ao designado no sobscripto que contiver o nome do auctor e que deverá ser entregue com o projecto ao thesoureiro da commissão ou na sua ausencia ao sr. guarda mór da camara municipal no paço do concelho.

6.º A commissão, classificando os projectos apresentados, concederá um premio de 400$000 reis ao primeiro, de 300$000 ao segundo, e de 200$000 ao terceiro classificado. Os projectos premiados ficarão á disposição da commissão que sobre elles se reserva o direito exclusivo de tomar qualquer resolução que lhe pareça conveniente.

Os mais projectos poderão ser retirados pelos seus auctores terminada e annunciada a classificação. Lisboa, 22 de janeiro de 1888. Pela commissão: O presidente João de Andrade Corvo; os secretarios Francisco Simões Margiochi e Luciano Cordeiro; o thesoureiro José Gregorio da Rosa Araujo.

D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ

A Hespanha acaba de perder um dos seus maiores poetas e romancistas, que enriqueceu a litteratura hespanhola com as brilhantes producções do seu talento.

D. Manuel Fernandez y Gonzalez falleceu em Madrid, em uma casa da rua do *Amor de Dios* n.º 17, no dia 6 de janeiro ultimo.

Não o cercava a abundancia nem o bem estar, n'aquella pobre casa, em que a morte o surprehendeu, no meio dos mil projectos que a sua imaginação prodigiosa lhe suggeria a flux.

Fernandez y Gonzalez arrastava uma existencia penosa, esquecido e quasi desprezado pelos seus compatriotas, depois de tão alto se ter elevado pelo seu talento, e de ter dominado na litteratura do seu paiz, com as suas brilhantes producções romanticas, que tanto o popularisaram na Hespanha como em Portugal, onde quasi todas teem sido traduzidas e publicadas com grande exito.

Um seu biographo chama-lhe, com fundada razão, o *Dumas* hespanhol; e de facto Fernandez y Gonzalez está para a litteratura hespanhola na mesma razão que Dumas está para a litteratura franceza. O theatro e o romance devem-lhe producções notaveis como as não tem outro escriptor hespanhol moderno, e não obstante, isto não impediu que Fernandez y Gonzalez fosse posto de parte, com grave prejuizo da litteratura em que se admiram as obras de Quevedo, de Calderon, de Cervantes e tantos outros filhos do Cid.

O que determinou, porém, esta injustiça feita a Fernandez y Gonzalez foi o seu proprio talento, um talento extraordinario, de uma fecundidade incansavel e umberrima, que lhe permittiu no espaço de dez annos abstecer o mercado litterario e o theatro de Hespanha com successivas obras que eram recebidas com avidez, mas que pelo excesso fatigaram o publico e o auctor. Se entre essas obras ha algumas que se resentem da precipitação com que foram feitas, em todas ellas ha, porém, as vibrações de um grande espirito, que as torna immorredoiras e que são o triumpho do grande escriptor e a garantia da immortalidade do seu nome.

Fernandez y Gonzalez era um talento tão fecundo que se conta d'elle a seguinte anedocta:

Notando-lhe alguem a sua grande fecundidade, elle respondeu.

— O que tenho escripto não é mais que o prologo do que hei de escrever.

— Então escreverá mais que Lopo de Vega?

— Lopo de Vega não teve meios para mais; eu serei Lopo de Vega com tochigrapho.

Entretanto a Hespanha não levou o seu esquecimento a ponto, que a morte de Fernandez y Gonzalez lhes não viesse recordar que tinha perdido um dos seus escriptores mais notaveis, e que ella tanto tinha festejado n'uma epoca não muito distante.

Logo que em Madrid correu a noticia da morte do auctor do *Conde Duque de Olivares*, a direcção do Atheneu resolveu prestar ao eminente romancista as mais solemnes honras funebres, que celebrou com a maior pompa.

O cadaver do infeliz poeta foi transladado do seu pobre thegurio para a grande sala do Atheneu, armada em camara ardente, e ali o povo de Madrid poude vêr pela ultima vez o corpo inanimado do talentoso escriptor, e prestar-lhe as homenagens do seu respeito e saudade, bem expressa em seus rostos, d'onde não era raro verem-se desprender as lagrimas, as primeiras que talvez cahiam n'aquella sala, para nos servirmos da phrase do insigne chronista da *Illustracion Española y Americana* D. José Fernandez Bremón.

O sahimento foi imponente, concorrendo a elle representantes da Academia, dos auctores dramaticos, da Sociedade dos Escriptores, de todas as sociedades, emfim, de litteratura, de sciencias e de artes de Madrid, membros do ministerio, altos funccionarios e grande concurso da população de Madrid.

A Rainha Regente enviou os seus pesames á viuva, e mandou recolher a um collegio um filho que Fernandez y Gonzalez deixou. A rainha Izabel enviou uma corôa de flores para ser depositada sobre o feretro.

N'estas manifestações se revella a justiça que a Hespanha faz á Fernandez y Gonzalez, embora essa justiça só aproveite á sua memoria.

D. Manuel Fernandez y Gonzalez era natural de Sevilha, onde nasceu a 6 de dezembro de 1821.

A sua educação realisou-se em Granada, sob os cuidados de seu pae, o capitão D. Manuel Fernandez de Cárdenas e de sua mãe D. Rita Gonzalez y Rivero.

A sua infancia corria bonançosa, no meio das commodidades e da abundancia, que os haveres de seus paes lhes permittiam, quando a mudança de fortuna collocou a sua familia em más circumstancias, e o pequeno Fernandez principiou a sentir os primeiros azares da sorte.

Cursava, em 1840, as aulas de Direito, quando foi obrigado a sentar praça, por não poder resgatar-se do serviço militar.

Chegou ao posto de sargento de cavalleria, e, em 1847 foi licenciado, entregando-se então aos seus trabalhos litterarios, principiando a escrever para o theatro e produzindo as suas primeiras novellas que despertaram a attenção do publico.

Em 1854 já os emprezarios de theatros e os editores disputavam a preferencia para pórem em scena ou para editarem as suas obras.

Então Fernandez y Gonzalez voltava a uma nova época de prosperidade. As suas producções eram recebidas com agrado e procuradas com avidez, e durante o periodo decorrido desde 1854 a 1862, nenhum outro auctor tinha mais popularidade no seu paiz. Os romances de Fernandez y Gonzalez publicavam-se ás cadernetas semanaes, e isto facilitava a sua vulgarisação entre o povo.

Fernandez y Gonzalez escrevia mais de um romance ao mesmo tempo, e muitas vezes fazia o original para as folhas, em casa dos proprios editores, ou ainda nas typographias, com os compositores á espera para comporem.

O seu grande talento facultava-lhe esta facilidade de producção, facilidade de que elle abusava extraordinariamente, não tanto na incorrecção de algumas das suas obras, mas no valor que lhes dava, ligando pouca importancia á remuneração que auferia do seu trabalho, e muito menos ao uso que d'ella fazia.

Este desprendimento não lhe permittiu o accumular riqueza, e quando a sua imaginação principiou a fatigar-se depois de uma producção enorme n'um curto espaço de tempo, e o seu prestigio a eclypsar-se, Fernandez y Gonzalez achou-se a braços com a pobreza, vendo descer para o occaso o sol brilhante que illuminára a sua vida, e cujos raios já mal douravam a sua corôa de poeta.

O THEATRO ESPAÑOL

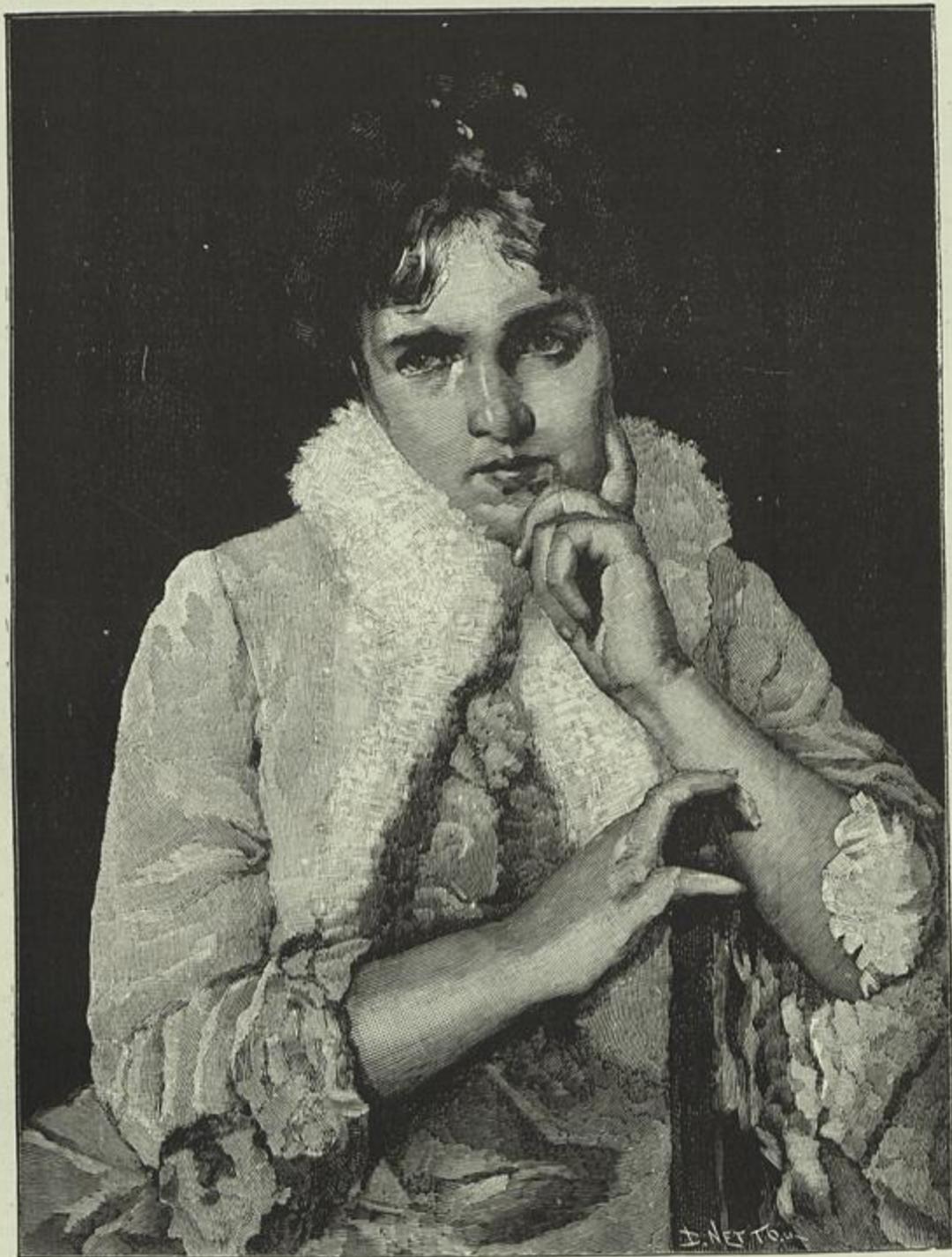
(Concluido do numero antecedente)

Vejâmos, porém, como se manifestou litterariamente o movimento da Renascença em Hespanha. Tardiamente, já quando a decadencia empallidecia as litteraturas italiana, portugueza, a franceza, porque, tendo-se perdido o primitivo ideal christão individualista pela imposição politica do Catholicismo, ia-se cahindo no esteril e frio classicissimo da arte pela arte. E mesmo então a litteratura hespanhola da Renascença nunca attingiu na fórma a correcção antiga; nem purificou o estylo da exuberancia oriental das imagens e do vago das metaphoras; nem o amor se espiritualisou nas obras dos seus poetas até ao sentimento sublimado do Petrarca e de Camões; nem tiveram os poetas castelhanos do ideal da gloria e da Patria a comprehensão luminosa, clara e crystalina da Divina Comedia e dos Luziadas.

Nas criações artisticas e litterarias da Hespanha transparecem revelações de genio, como em Calderon de la Barca e Thyrso de Molina, mas enfaxadas n'uma profusão de imagens e de enredo de linguagem, em que as figuras das comedias se envolvem, como n'uma capa protectora de conveniencias, receiosas de mostrar á luz da rampa a rude nudez dos seus caracteres; e nas carregadas frontes d'essas figuras ha sempre a sombra sinistra do terror e do intimo sobresalto.

Ora a epocha em Hespanha era de hypocrisia e de fogueiras. E que homem poderia então cantar em paz e ter franqueza e confiança?

E, quando o movimento da Renascença européa começou a reagir sobre os espiritos, já a na-

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

PENSATIVA — Quadro de Malhoa, adquirido pelo ex.mo sr. marquez da Foz

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Benarus)

ção se encontrava sob o terror da perseguição e no estado psychologico que indiquei anteriormente.

As lettras e o genio para se expandirem careciam de encerrar-se no claustro. Os poemas gregos, que influiram tão essencialmente na revolução da litteratura, consagravam a belleza corporea, ao mesmo tempo que respiravam um sopro de liberdade tal, que era perigoso, senão impossivel, na Hespanha de então, hypocrita, catholica e inquisitorial, buscar-se n'essas fontes a inspiração directa e o modelo. Nem se diga que em epocha ulterior a alta cultura, que das lettras italianas se fazia na côrte de Madrid, poderia ter feito entrar o espirito castelhano no verdadeiro movimento da Renascença; porque, essencialmente animada do espirito individualista, na poesia, na arte, na historia, a litteratura italiana da Renascença não correspondia a nenhuma das idéas, nem sentimentos da sociedade hespanhola. As mesmas causas da enfermidade, que preverteram, no seculo XVI, o desenvolvimento das funcções sociaes da nação, feriram natural e simultaneamente com a mesma perturbação o advento litterario. O espirito da sociedade hespanhola tinha enfermado da loucura da cruz e da loucura do oiro; as suas faculdades, portanto, nada grande podiam crear, desde que se tinha perdido o ideal da justiça, da liberdade e da patria.

Todos os grandes acontecimentos da historia da humanidade tiveram a sua consagração poetica; e o grande feito de Colombo, — o descobrimento d'um mundo! — nem uma lenda epica obteve sequer do espirito litterario da Hespanha.

N'estas condições a litteratura hespanhola enredou-se no estylo exuberantemente metaphorico, de mau gosto e de trocadilhos de palavras, levado ao perfeito disparate pelo talento incontestavel do cordovez Luiz de Gongora y Argote. O gongorismo foi a unica fórma litteraria que dominou, n'uma dada epocha, toda a litteratura hespanhola; o que prova que a correcção dos modelos antigos e o bom gosto da renascença não haviam influido seriamente nas letras castelhanas. E, ao contrario do que succedeu nas outras nações neo-latinas, em Castella o espirito litterario não continuou a tradição da antiguidade e não realisou n'uma evolução progressiva o seu desenvolvimento.

A litteratura castelhana tem sempre vivido uma vida inferior, sem tradição, sem philosophia, sem ideal definido. De sorte que, em cada epocha de affirmação litteraria das outras nações, — influenciados mais ou menos pela fama das litteraturas estranhas, mas sem preparação para lhes comprehenderem o espirito e entrarem no seu movimento reformador, — os auctores castelhanos cahem na fluctuação rethorica. Ao mesmo tempo o gosto do publico, sem orientação philosophica, tem-se ido formando na admiração da fórma que melhor satisfaz a incerteza do seu modo de ser intellectual e que mais lisongeia a sua paixão pelo brilhantismo e pelo luxo, qual é a imagem e a metaphora.

O romantismo tambem, que teve uma alta missão necessaria ao desenvolvimento das litteraturas europeas, porque veiu affirmar a liberdade da expressão artistica do pensar e do sentir do coração humano, restabelecendo e continuando a obra da renascença, só foi comprehendido e seguido pela Hespanha no exagero do estylo trovador, na fórma lendaria da idade média, que era o que o romantismo tinha de rethorico e de artificial. Na verdade taes exageros de estylo eram o resultado do deslumbramento, que o brilhantismo retumbante e tragico do caracter hespanhol causara a Victor Hugo, quando o grande poeta, criança ainda, vivera em Madrid no tempo do rei José.

A Hespanha d'essa epocha era um volcão, em cuja cratera referviam as paixões violentas dos vencedores do Mexico, irrompendo em rios de lava e sangue, e cuja fronte se envolvia no espesso fumo da sombria soberba de Castella, de sorte que a aguia napoleonica pairava incerta sobre a montanha hostil, meio cega pelo fumo, com as azas meio crestadas pelo fogo.

Que extraordinaria impressão, pois, não produziria n'uma organisação predestinada para a arte e para a poesia, n'uma imaginação tal como a de Victor Hugo, esse sombrio espectaculo da Hespanha raivosa e sinistra!?

As manifestações violentas e cheias de altivez do genio castelhano, o brilhantismo e a côr dos seus costumes e da sua linguagem pittoresca e sonora impressionaram o cerebro sensivel da criança, indelevelmente, a ponto que na obra do grande poeta, e até mesmo nas ultimas paginas que escreve, se projecta o reflexo da visão dos seus primeiros annos.

A velha arte classica, cuja fórma, correcta e sobria, era tudo que restava da litteratura franceza, herança sagrada da Renascença, indignou-se contra esse desordenado turbilhão de côr, que tão fóra estava da simplicidade antiga, o que constituia o gosto litterario da raça latina. Victor Hugo, porém, era um genio, e portanto não podia deixar de triumphar dos classicos, que não comprehendiam o espirito da reforma litteraria que vinha desde Rousseau, Stael e Chateaubriand.

Provocados pelo falso estylo gongorico, arvorado como uma bandeira revolucionaria nos versos do Hernani, reagiam os classicos cegamente contra a nova escola, confundindo nos mesmos ataques o espirito da reforma e o estylo do poeta.

LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA NO MONUMENTO A FONTES PEREIRA DE MELLO, NA AVENIDA DA LIBERDADE — 22 DE JANEIRO DE 1888

(Desenho feito na occasião por J. R. Christino)

Mas derrotados os classicos na opinião geral, o espirito do romantismo dominou a litteratura europea; e, livre completamente de toda a opposição, continuou a sua evolução natural, systematisando-se e creando a fórma de expressão verdadeira. Foi abandonado o velho estylo de combate espectaculoso e retumbante, e procurou-se na simplicidade correcta a clara exteriorisação consciente das ideias e das cousas.

Áparte Espronceda, um pallido imitador de Byron, que a politica fez falhar como poeta e como artista, Zorrilla, Garcia Guterrez, o duque de Rivas, auctores, em cujas obras mais se accentua a feição lendaria no theatro e na ode, não foram reformadores do gosto e do espirito litterario da sua epocha; e pelo contrario prenderam mais o publico ao apparato e á fórma fortemente colorida e imaginosa, deslumbrando-o com todos os ouropeis e falsas decorações da abominavel rethorica do romantismo, sem lhe darem a fina e sentida comprehensão das paixões humanas, que, sob essa cartonagem e essas velhas armaduras de latão, se agitavam nas obras dos mestres, na Allemanha, na França e em Portugal.

O que foi o romantismo em Hespanha com Zorrilla e Garcia Gutterrez, póde um portuguez avalial-o, imaginando o que teria sido em Portugal se não tivessem apparecido Garrett e Herculano, e se tivessemos ficado nas obras dos manos Serpa Pimentel, de João de Lemos, de Antonio Pereira da Cunha e d'outros.

Ora o estado da litteratura d'uma epocha, ou d'uma nação, não é um phenomeno que se produza de subito e de modo sobrenatural, pela simples acção d'um homem de genio e sem antecedentes que lhe preparassem, pela sua elaboração logica e lenta, o apparecimento; é ao contrario a consequencia forçada de condições anteriores, que influiram constantemente na evolução dos espiritos. Forma-se o escriptor quasi ao mesmo tempo que o gosto do publico, influenciando-se parallela e reciprocamente.

D'este modo a Hespanha, em cujo espirito se não deu, ou não se completou a evolução artistica da Europa, em nenhum dos seus periodos de affirmação, não póde ter attingido o grau de desenvolvimento racional da litteratura, a que chegaram já as outras nações europeas, nem, dados os seus antecedentes, é provavel que venha um dia a attingil-o.

Ao theatro, sobretudo, cuja existencia depende, não só dos auctores, mas muito principalmente do gosto e do caracter do publico, será difficilimo, senão impossivel, dar-se o espirito moderno da analyse positiva dos costumes e da representação viva e natural dos caracteres. Para tal se conseguir um dia, ainda que alguns escriptores dramaticos se orientassem segundo os methodos e ideaes modernos, seria necessario preparar actores que lhes comprehendessem o pensamento e as intenções, a ponto de prenderem pela imposição da realidade da sua representação o espirito do publico castelhano, sempre prompto a transviar-se nos excessos da imaginação, resultado da preversão nervosa do seu temperamento. E, ainda assim, o successo seria transitorio; porque essas entidades artisticas, auctores e actores, seriam estranhos ao caracter geral da nação; não sendo o producto natural do meio social, a sua influencia seria consequentemente ephemera, pois não poderia alterar no publico as qualidades que lhe são oppostas e que, adquiridas por causas tão diversas, se foram pela successão hereditaria em quatro seculos, tornando congenitas da raça.

Coelho de Carvalho.

O INFANTE D. HENRIQUE

(O GRANDE NAVEGADOR)

V

Pela transcripção que fizemos, no artigo antecedente, de tão precioso documento se avalia quanta sensatez e criterio presidia a todos os actos dos homens de então.

Foi pouco depois do fallecimento de seu pae, el-rei D. João I, que o infante deu mais largo desenvolvimento aos trabalhos que constituiram a sua nobre missão.

Parece confirmar este facto a tradicção de que D. João I, de *Boa memoria* como dizia o povo, á hora da morte exhortára o infante navegador a perseverar no intento de converter á fé christã os gentilicos habitantes d'essas regiões d'Africa inexploradas, e assim poder avançar o mais possivel para o sul da costa ethiopica.

Não esfriara o ardor de D. Henrique por se não possibilitar o caminho pelo *extremo sul;* é porém muito para acreditar, que, se porventura alguma vez o desânimo veiu ao coração do infante, lhe fosse elle resarcido pelo estimulo que no seu espirito haviam plantado as exhortações de seu valeroso pae.

Exhortações que tanto se coadunavam com a orientada energia e attento empenho com que D. Henrique se votára a tam porfiado fim, que se comprehende bem que a tradicção as desse como base da conquista da India.

Passou-se o cabo *Não*.

Eis o primeiro passo;—e assim se destruio a lenda d'este *non plus ultra* dos mares africanos.

Estava no throno portuguez o rei academico, D. Duarte I. Um dos primeiros actos do seu governo foi testemunhar a seu irmão, D. Henrique, toda a sua gratidão pelos eminentes serviços que prestára á sciencia e ao commercio da Europa.

Para este fiim fez-lhe el-rei doação das ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas por *Carta Regia* dada em Cintra, 26 de novembro de 1433; e, por *Carta Regia* de 26 de dezembro do mesmo anno, conferio a jurisdição espiritual das mesmas ilhas á Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo de que o infante era grão-mestre.

E D. Henrique, por seu lado, prodigalisava largas recompensas aos seus cabos de mar, aos seus pensionistas de Sagres, a *Tercena Nabal*, e da escola mathematica de Lisboa, a fim de que estes sempre excedessem no caminho navegado os seus predecessores:—tantas mais *singraduras* andadas para o Sul, quanto maiores recompensas auferiam os bravos nautas instruidos pelo infante!

Era pois bem manifesto o fim de taes explorações. Por isso, esta *febre* das descobertas, foi sempre alimentada por esse glorioso infante portuguez que tornou, para os portuguezes, o nome da Patria tam grande e tam invejado pela Europa dos seculos XV e XVI.

É preciso que a missão do historiador não seja a de simples *raconteur*, isto não são velharias; é obrigação de todo o escriptor, em excavações retrospectivas profundar as causas dos grandes acontecimentos das epochas passadas, escolhendo sempre para esse fim o seu periodo de quietação ou marasmo.

*

No mesmo anno em que morreu o mestre de Aviz, mandou o infante a Gil Eannes em viagem de exploração. Pouco depois regressa este das ilhas Canarias, não tendo podido passar além. Nova ordem do infante recebeu Gil Eannes para se *fazer ao mar*, e que envidasse todos os esforços para dobrar o cabo Bojador (1), com que elle, D. Henrique, seria *assaz contente!*

O infante não perdoava viagens tam curtas!!...

Luctava tambem, D. Henrique, com a superstição d'aquelle tempo que á força do imaginoso conseguiu fazer ver n'aquellas paragens sereias traidoras, espectros heroicos e phantasmas horriveis, que atterravam as tripulações e impediam as armadas de seguir seu almejado rumo. O proprio infante muita vez recommendou a Gil Eannes!!... *e nom temaaes sua openyom, fazendo vossa vyagem.*

N'esta linguagem referia-se, o sabio instructor dos nossos valentes nautas, ás fabulas tectricas que os genovezes e hespanhoes faziam correr para affastar da aspera empreza os homens do nosso grão-mestre de Christo. Foi decerto alguma d'estas fabulas que tanto andavam no espirito popular do seculo XV, o que fez crear ao nosso grande Luiz de Camões o homerico episodio do Adamastor dos *Luziadas*.

De novo tornou Gil Eannes procurando dobrar o temido cabo, e fazendo-se muito ao largo couseguiu a final montar o celebre bojador. Quando regressou a Portugal, Gil Eannes, apenas trouxesse ao infante algumas plantas e *rozas de Santa Maria*, por isso que não vira ente vivo.

Armado um grande navio, dos que então se chamavam *varineis*, n'elle embarcou Affonso Gonçalves Baldaya, copeiro do infante. Este navio era comboiado por outro sob o commande de Gil Eannes. Foram cincoenta legoas além do Bojador até um sito que apellidaram de *Angra dos Ruivos*, por terem encontrado muitos ruivos (peixes).

Vem de molde citar aqui o modo porque alguns estrangeiros admiram como os portuguezes se emanciparam de toda a vaidade pessoal, denominando os logares que descobriam sempre fundados em objectos, circunstancias ou pessoas que pertenciam aos mesmos logares «*É notavel que os portuguezes em logar de procurarem nomes pomposos para as suas colonias, se contentassem com a conservação dos que ellas já tinham, ou com a adopção dos que a natureza ou o aspecto do sitio suggeria.* (Life of prince Henry of Portugal.)

Logo que Baldaya e Gil Eannes regressaram a Portugal, mandou D. Henrique ao primeiro que se fizesse ao mar sem detença, determinando-lhe que fosse o mais ávante que o mar e os mantimentos lhe permittissem, e muito imperiosamente lhe disse que não aprôa-se ao norte sem haver ás mãos algum habitante (1) do paiz que desse noticia dos naturaes.

D'esta vez Baldaya foi cento e vinte legoas além do Bojador! aportando a um local da costa onde abria um *braço de mar* que depois reconheceu ser um rio. E como recebesse dos naturaes oiro em pó chamou-lhe muito naturalmente *Rio do Ouro*.

Fundeando aqui mandou Baldaya dois rapazes, um de dezesseis outro de dezesete annos, Heitor Homem e Diogo d'Almeida, que andando a cavallo sete legoas pela margem do Rio do Ouro acima, tiveram de se bater, sós, contra vinte indigenas! Como não conseguissem aprisionar nenhum (!) retiraram para bordo, aonde aquellas duas heroicas creanças chegaram sem outro encontro. Por este facto se póde avaliar o respeito e valor que D. Henrique de Portugal insufflava nos seus discipulos.

Tinham-se batido contra vinte, e apenas lamentavam o facto de não terem aprisionado nenhum.

Com gente assim não ha feito por mais heroico que não pareça o mais natural possivel.

Era assim a gente d'aquelle tempo!

Eram de esta tempera os ascendentes dos futuros soldados de Diu e Ormuz!

No dia seguinte ao d'aquelle notavel feito embarcou o proprio Baldaya com gente armada, pelo *Ouro* acima, comboyando os dois rapazes que seguiam por terra a cavallo. Como na vespera, não encontraram ninguem. Tornaram a bordo, tendo posto áquelle sitio o nome de *Angra dos cavallos*.

No outro dia nova exploração rio acima.

Desembarcando na *Angra dos cavallos* andaram por terra quarenta legoas mais do que na vespera, e porque no ultimo sitio aonde chegaram havia um penedo que de longe lembrava um navio dos que então se usavam, deram-lhe o nome de *Pedra da Galé*.

Depois de uma jornada de 57 legoas volveram a bordo; e ao regressar á patria traziam provas indiscutiveis que a terra era habitada.

E assim como destruimos a lenda do cabo *Não* passando-lhe ávante, acabámos tambem com o medo do mar *Tenebroso*, navegando para lá do Bojador mais de cento e cincoenta legoas, tornando á patria ilesos de mal os nossos galeões.

Foi n'este bem approveitado anno de 1436 que os marinheiros portuguezes, confirmaram a fama de serem muito superiores aos francezes, catalães e italianos.

Aqui, 1436 a 1440, ha um interregno no empenho intimo do infante—o caminho para a India pelo extremo sul—preenchido:—pela expedição militar contra Tanger, onde ficou captivo dos mouros o infante D. Fernando, por se não terem cumprido as instrucções da Carta Regia que publicámos; (2) pelo desanimo do infante D. Henrique por não poder salvar seu irmão; retirada do infante para Sagres até ao fallecimento do rei seu irmão; é chamado aos conselhos da corôa, conseguindo atravez das violentas dissenções do anno de 1439 que a rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, viesse apresentar ás côrtes o rei menor, devido ao muito respeito que o grande navegador inspirava pelo seu caracter e talentos.

Por isto se vê que o infante era tambem legislador e governador de povos, um bom estadista, como hoje se diria.

Finalmente, em 1441, já livre dos encargos da governação do reino, o infante poude dedicar-se ao seu patriotico intento. O moço Antão Gonçalves consegue o *desideratum* de grão-mestre de Christo, havendo á mão dois indigenas da costa explorada. Ficára ainda lá Nuno Tristão que descobriu o cabo Branco durante a viagem ao reino de Antão Gonçalves, infação da casa de D. Henrique.

(1) O mesmo que tanto deu que fazer aos francezes, o seu *Bugeder!*

(1) Deve ter sido isto o que suggerio a descoberta de que o infante fazia escravatura.

(2) N.º 325 do OCCIDENTE.

Por este tempo chega ás mãos do incansavel navegador, a concessão do papa Xisto IV, referendando para Portugal o *direito de possuir* toda a costa e *terras interiores* que se fôssem descobrindo, desde o cabo Bojador até ás Indias. (1)

— Até ás Indias!!

Xisto IV foi o unico homem contemporaneo do infante que lhe conheceu o seu segredo.

Começava pois o glorioso navegador portuguez, de revellar o que até ali fôra o seu mais secreto pensamento.

— India! India! — e D. Henrique tornava a meditar no alto escarpado de Sagres, olhando na ressaca espumante das aguas do occeano, um desafio sarcastico pela demora em glorificar esse Portugal enorme de D. João II seu sobrinho, cortando aquelle mesmo intangivel horisonte que seus olhos visavam ao longe n'uma linha de imperturbavel azul, menos recta decerto que o recto espirito do infante, o melhor dos homens bons d'aquelle seculo!

— A India! á India!

. . . .

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

(1) Parece impossivel que na ultima conferencia em Berlim, mais conhecida por *Questão do Zaire*, se não tivesse conhecimento d'este documento.

MÃES!...

Um bello dia de maio, alegre e festivo, embora no coração dos dois rapazes houvesse o luto de uma separação saudosissima. Porque é preciso que se saiba que tanto o José da tia Brigida como o Roberto moleiro, dois rapazes valentes como armas eram extremosos pelas suas velhotas a quem serviam de esteio. Mas o maldito philoxera, matava desapiedadamente os vinhedos, trazendo a miseria á gente do sitio: era preciso pão... expulsar o terror que os manietava assombrando a sua alma dolorida, pela desolação que se espalhava em torno! E um dia, um triste e nevoento dia passou pela aldeia um homem de fronte tisnada pelos calores tropicaes, um quasi nada rude e começou a fallar-lhes do Brazil... — um bello paiz, terrenos virgens para amanhar, muito ouro, um futuro solidamente garantido!... Vejam vocês o Cruz! — dizia — Quem o viu ainda ha poucos annos vergando ao peso do trabalho para colher uns magros vintens! O Brazil? bella terra... lá ninguem se sustenta a pão e cebolla como vocês aqui fazem!

Alimentos bons, bons conductos, e... o que fez o Cruz? Deixou para ahi á revelia a sua pobre enxada e hoje é commendador: bons predios que tem deve-os á famosa fortuna que fez nas terras de Santa Cruz. Haveis de vel-o barão, que vol-o digo eu, com grandes brazões sarapintados nas portinholas da traquitana! — E com estas e outras razões convincentes demais, para quem se encontrava n'um desabrigo medonho, lá se iam retirando ranchos de rapagões como torres, em busca de melhor sorte, emquanto de peitos amigos sahiam fundos suspiros... — que Deos os leve em bem! — e faziam-se preces fervorosas.

O caso é que o José da tia Brigida e o Roberto moleiro, deixaram-se como tantos outros embalar pelas promessas do alliciador e n'um bello dia de maio alegre, festivo, sahiam da aldeia.

— Adeus boas velhinhas! Olhae que vamos fiados nas vossas preces ao Senhor!...

O coração opprimia-se fortemente e como que uma força poderosa os cingia ao lar!

Mas, o Brazil, bello paiz, terrenos virgens para amanhar e muito ouro... muito!...

*
* *

Passaram-se mezes e noticias do Rio eram anciosamente esperadas pelas duas mães, que continuavam a acariciar projectos sorridentes de felicidade futura; e quando de manhã o João correio trazia a correspondencia, era de ver a attenção com que as duas escutavam as narrativas minuciosas exaradas em longas cartas, d'onde resaltava uma saudade intensa e não menos intenso soffrimento. Emfim a esperança... alguma cousa de imprevisto... quem sabe lá?!...

As mães! eram como as açucenas, perfumando o lar com a esperança constante, bemdita!

E ficavam-se á lareira, ás vezes, horas esquecidas, architectando na sua phantasia carinhosa, uns castellos engrinaldados onde viviam como dois principes, os seus rapazes! Como seria bello tudo!

A tia Brigida muito dada a promessas devotas, esperava convicta poder edificar uma ermida á Senhora das Angustias, e traçara planos: — muito ar, muita luz, janellas rasgadas por onde o sol entrasse largamente, alegremente, até ir rojar-se n'uma humildade cariciosa aos pés da Senhora, dourando ao de leve a fimbria do seu manto de seda finissima, da mais rica, olá, da mais rica! —

E a espaço sahia dos seus labios, n'uma expansão anciosa, commovente: — que a Santa os proteja!

*
* *

— Olá bom dia: — e á porta do casebre, o João correio revolve a sacca das cartas.

— Quieta *Russa*... o diabo da mulla parece trazer hoje o demonio na espinhella!

Espere lá tia Brigida, com licença: — e lendo vagarosamente: — Padre Mauricio, Costa da Venda, morgado do Portal, André ferrador... quieta *Russa*, com mil diabos! ah, Brigida Caseleira; prompto. Boas novas e passar bem. Vamos lá *Russa* que vaes apanhar um calor... — e partiu chicoteando a mulla.

O Cosme que foi soldado do 7, encarrega-se de ler a correspondencia: — vamos lá. —

Uma tremura convulsiva nervosa, se apodera das duas mães.

— Um calor infernal por aquelles Brazis, — lia o Cosme — trabalhos continuos, tudo caro e muitos roubos. De resto dois vigorosos abraços para matar saudades e boa doze de esperanças! —

Lagrimas enormes deslisavam nas enrugadas faces das duas velhas: uma fé santa, persistente, enorme, punha nos seus espiritos attribulados a scintillação d'uma esperança.

— Que o ceu os proteja! — diziam esperando sempre!...

*
* *

Nunca mais vieram noticias: debalde o João correio buscava na sacca das cartas alguma dirigida ás velhas do casebre: — nada, mesmo nada: anda *Russa!* Vamos a vêr ámanhã tia Brigida: com licença; anda *Russa!*...

E as duas ficavam-se a olhar o João correio que se affastava, como que petrificadas pelo terror que as assaltava n'aquella situação dolorosa.

— E diziam elles que o Brazil, bello paiz... o inferno! — gritava a tia Brigida; e cahia n'uma explosão de chora afflictivo, dilacerante.

Ás vezes passava ali o Cruz, parava o lasão e inquiria noticias.

— Não é para todos, pois então que julgam? — começava elle — dias abafadiços passados no interior das florestas, sempre expostos a perigos medonhos, afora as febres que rapam uma pessoa em menos de tres dias. Ora adeus; sabem que mais mulhersinhas? não os deixassem ir. — E ficava-se a arrasoar meia hora, descrevendo as suas façanhas sertão dentro; d'uma vez que uma preta amorosa o quizera matar com bebidas envenenadas... — o diabo, tiasinhas! — e lá se ia sacudindo a moscaria impertinente, que ameaçava faltar ao respeito devido a um commendador da Conceição, com tirocinio nas roças do café!

*
* *

Foram passando semanas e o desanimo apoderava-se já do espirito das velhas do casebre.

O João correio nem se dava ao trabalho de procurar na sacca das cartas, seguia sempre, chicoteando a *Russa*.

Á porta do casebre, em dia ardentissimo de julho, parou um homem mal vestido, pallido, de barba hirsuta. Depois de contemplar demoradamente a aldeia quasi solitaria áquella hora de calor, chamou pela tia Brigida.

A esta voz as duas velhas saltaram para fóra do casebre e emquanto mãe e filho se abraçavam doidamente, n'uma expansão de jubilo sem limites, a outra, a mãe do Roberto, extatica, pallida como defunta, mal se atrevia a proferir vagamente, como um suspiro, esta phrase d'uma dôr intraduzivel — só!...

Então o José arrancando-se dos braços da mãe, ficou-se perturbado, indeciso: depois cobrou animo e resumiu a narração dos factos.

— Foi n'um dia em que a desesperação era augmentada pela sêde ardentissima: matto dentro, quasi exhausto pelas privações continuas, o Roberto, mal podendo andar viu-se perdido e apegou-se á Senhora das Angustias. Louvado Deus, tão longe, a Senhora nem o ouviu, decerto. De quinze que se compunha a ranchada, dez tinham ficado pelo caminho, mercê da piedade dos negros, se alguns sabem o que isso é. Eu continuava resistindo sempre e quando algum perigo maior nos ameaçava, ia apertando muito de encontro ao peito aquelle saquito de santos, que vocemecê, mãe, me deu na vespera da partida. Era uma fé que eu tinha.

— Por fim o Roberto ficou-se tambem como outros e eu... vi-o morrer debaixo d'um cipó enorme, debaixo de ramarias que se entrelaçavam nas outras arvores como grandes serpentes. Não quiz mais, esmolei uma passagem a bordo d'um paquete e quando respirei o ar do mar e vi tremular no tope do mastro grande a bandeira da minha patria, foi como se um corpo novo, tivesse vindo substituir o meu pobre corpo.

— A bordo era tal a minha alegria, que o capitão, honrado como poucos, deu-me dispensa do serviço da camara a que me tinha obrigado para pagar a passagem. Emfim posso morrer! Cá está o eucalypto junto ao tanque; o casebre; lá em baixo o cerrado da nossa horta e primeiro do que tudo isso e melhor do que tudo isso, vocemecê, minha boa mãe!...

*
* *

Á tarde na aldeia, não se fallava senão da volta do José da tia Brigida e tal foi o terror produzido pelo fatal exemplo, que debalde o homem de rosto tisnado pelos calores tropicaes, um quasi nada rude, tentava convencer os rapazes do sitio: — O Brazil, bello paiz, terrenos virgens para amanhar, um futuro solidamente garantido!...

— T'arrenego! — exclamavam as mães ameaçadas: e queimavam á lareira, raminhos de alecrim bento.

Luiz Trigueiros.

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento de um diplomata portuguez. Falleceu nos Estados Unidos, no dia 24 de Janeiro, o sr. Visconde das Nogueiras, Jacintho Augusto Sant'Anna e Vasconcellos, ministro de Portugal junto dos governos de Washington e do Mexico. O sr. Sant'Anna e Vasconcellos era natural da ilha da Madeira e filho de uma illustre familia. Cursou a Universidade de Coimbra, interrompendo os seus estudos, em 1851 para se encorporar nos que combatiam o governo de Costa Cabral, publicando no anno antecedente um pamphleto contra aquelle governo. Foi um dos fundadores do jornal «O Portuguez» e militou activamente na politica durante um periodo não inferior a vinte annos, em que foi eleito deputado em varias legislaturas, e tanto no parlamento como na imprensa affirmou distinctamente a sua individualidade. Exerceu por vezes os cargos de secretario geral do districto de Aveiro e do Funchal; em 1872 entrou na carreira diplomatica, sendo nomeado secretario da legação de Portugal, no Brazil, e depois nomeado ministro portuguez junto do governo dos Estados Unidos e ultimamente nomeado para egual cargo junto do governo do Mexico acumulando as duas missões diplomaticas. Sant'Anna e Vasconcellos fez parte do grande grupo de rapazes á testa do qual figurou o Marquez de Niza, e que em Lisboa teve uma epocha de grande prestigio deixando fama as suas aventuras. N'este grupo distinguiu-se como um dos mais espirituosos e valentes Sant'Anna e Vasconcellos. Hoje era um diplomata distincto e estimado, e a noticia da sua morte surprehendeu tristemente a nossa sociedade. O sr. ministro dos Estados Unidos, em Lisboa, logo que recebeu a noticia da morte do ministro portuguez, foi ao ministerio dos estrangeiros apresentar ao sr. conselheiro Barros Gomes, os seus sentimentos de pesar em nome do seu paiz, por tão fatal acontecimento. Na legação do governo americano esteve içada a bandeira em funeral.

Retrato de Napoleão I. Acaba de ser adquirido pelo principe Jeronymo Bonaparte, um retrato de Napoleão I, bordado com os proprios cabellos do grande capitão, feito em 1802, para ser offerecido por elle a uma dama de Veneza.

Parque na Avenida da Liberdade. Foram conferidos, pela commissão encarregada da classifi-

cação dos projectos de um parque na Avenida da Liberdade, os seguintes premios aos projectos apresentados: — 1.º premio de 500 libras, ao projecto n.º 14, divisa *Ettimouh*, apresentado por Lusseau. — 2.º premio de 300 libras ao projecto que tem por divisa as armas de Lisboa e Paris, apresentado por H. Duchêne. — 3.º premio de 200 libras ao projecto n.º 16, divisa *Ourne tulit punctum qui miscuit utile dulci*, apresentado por Eg. Deny. Os projectos n.os 1, 8 e 13, mensão honrosa. Entre os differentes projectos apresentados são estes effectivamente os mais bonitos, o que não quer dizer que sejam praticos para se levarem a effeito com os recursos do thesouro municipal, tanto mais tendo que se repartir para tantas obras municipaes de immediata necessidade, com a ampliação que o municipio de Lisboa acaba de ter. Pena é que isto assim seja, mas é a verdade.

Achado bibliographico. Communicam-nos de Coimbra que o sr. Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, digno e illustrado bibliothecario da Universidade, muito distincto archeologo e escriptor apreciavel, tornou conhecido o *Conimbricae Encomium ab Ignatio Morali editum. Conimbricae, apud Joanem Barrerium, typographum reginna MDLIII*, elogio da cidade de Coimbra em versos latinos, por Ignacio de Moraes, professor da Universidade. Esta edição é verdadeiramente rara e o frontispicio da que o sr. Mendes de Castro tem, é o *fac-simili* da de 1554 de que só existe este exemplar, pois d'isto adquirio certeza o sr. Mendes de Castro depois das investigações a que tem procedido.

Perez Eschrich. O popular e fecundo romancista hespanhol Perez Eschrich, cujos romances tão conhecidos são em Portugal, onde tem sido traduzidos e onde tem tido repetidas edições, acha-se reduzido á miseria, tendo requerido o logar de director do *Asylo de las Mercedes*.

Azulejos antigos. O castello de Azeitão, que pertenceu ao grande Affonso de Albuquerque, acha-se em adiantado estado de ruina, entretanto ainda lá existem uns azulejos de bastante merecimento que conviria salvar da ruina, mandando-os arrancar cuidadosamente e recolher ao Museu Nacional de Bellas Artes.

Eugenio Labiche. Falleceu, em Paris, Eugenio Labiche notavel escriptor dramatico conhecido em todo o mundo civilisado pelas suas famosas producções theatraes. Nasceu em 1815 e a sua primeira obra theatral foi um vaudeville feito de collaboração, e representado no Palais Royal, em 1838. Foi um dos mais fecundos dramaturgos da França, tendo grande facilidade em escrever, graças á sua prodigiosa imaginação. Collaboraram com elle Marc Michel, Lefranc, Martin, Delacour, Vacin, Claisville, Edmond Gondinet, Fillippe Gille, Emilio Augier, Chivot, Duru, Legouvé, etc. Eugenio Labiche era membro da Academia, para onde entrara em 1880, e official da Legião de Honra. Ha muito que estava retirado e vivendo fóra de Paris, entregue á vida campestre que elle devertia com a caça.

Occupação do Ambrizette. Recebeu-se em Lisboa o seguinte telegramma com respeito á occupação do Ambrizette pelas auctoridades portuguezas: Loanda, 30. Effectuou-se a occupação do Ambrizette sem opposição alguma por parte dos indigenas, que se conformaram. A expedição foi organisada pelo governador do districto, que tem empregado medidas muito prudentes e combinadas com os navios da divisão naval, afim de proteger as feitorias, tendo havido boa vontade e zelo da parte de todos. Congratulo-me com v. ex.ª por este resultado, que é uma manifestação segura do prestigio do nome portuguez entre os indigenas, apesar dos boatos espalhados em contrario. Este facto garante o socego em toda a costa. Foram expedidas para Benguella instrucções urgentes para cumprir o ordenado no telegramma de 27. (*a*) *Governador*.

D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ

FALLECIDO EM 6 DE JANEIRO DE 1888

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Sob Magnolias, *contos*, por Luiz Trigueiros, Lisboa, Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1887. É uma estreia auspiciosa a publicação d'este livro do sr. Trigueiros, e nós não podemos deixar de o felicitar pelo purismo dos seus contos, pela finura e delicadeza com que são feitos. Para darmos melhor idéa aos nossos leitores da belleza dos contos do sr. Trigueiros, desprendemos ao accaso algumas paginas do livro, e n'outro logar publicamos um d'esses contos, que tem por titulo *Mães* e que reproduz perfeitamente um dos muitos casos que succedem na vida das nossas provincias.

Almanach da Typographia Castro Irmão para 1888. Este pequenino almanach é, como nos mais annos, um delicado brinde que o proprietario da typographia Castro Irmão, offerece aos seus numerosos clientes, e que é esperado sempre com o maior interesse, pois de anno para anno se torna mais aprimorado na sua confecção typographica. É um especimen que dá boa idéa da belleza dos trabalhos que se produzem na typographia Castro Irmão, e é de grande utilidade pelas numerosas tabellas de interesse publico, que insere nas suas pequeninas paginas.

Revista da Familia Academica. Redactores Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Benjamim L. Barroso, Candido Marianno e Edmundo de Barros. Rio de Janeiro. Publicada por uma sociedade que tem o mesmo titulo a *Revista da Familia Academica* é mais um elemento de propaganda da sciencia de que dá boa ideia o seguinte summario: Theoria da eliminação, A flor do cacere (poesia), H. Spencer e o evolucionismo, Ab inicio Vitœ (poesia), Umas palavras sobre a concepção mechanica, Lições de arithmetica, Metralhadoras, Livros, Chronica.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira. Tomo III, folhas 13 e 14. Continua cheia de interesse historico esta boa obra, de grande subsidio para a historia do primeiro municipio do paiz.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi editor, Lisboa. N.º 150. Os *Balões em Portugal* por João Maria Jalles, capitão d'artilheria. N.º 151, *Logica* por Julio Lecour e Menezes, professor de instrucção secundaria. N.º 152, *Microbios e doenças*, por Julio Arthur Lopes Cardoso, medico e professor.

Chorographia do Estado da India, por Viriato A. C. B. de Albuquerque. Nova Goa, 1887. Este livro é de grande utilidade e vem prehencher uma verdadeira lacuna, pois nenhum havia d'este genero com respeito á India portugueza. Apesar das faltas que por ventura tem e que o proprio author modestamente confessa, nem por isso deixa de ser um trabalho valioso, que honra sobre modo o seu author.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, *illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha* etc. por José d'Arriaga, Lopes & C.ª, editores, Porto. Fasciculo n.º 20 pertencente ao 2.º volume.

Introducção ao estudo de jurisprudencia Portugueza notas a lapis, por Philoteio Pereira d'Andrade, Margão, 1887. Um folheto de 16 pag.as e V de *avant-propos*. É o primeiro de uma serie que o author se propõem publicar, como subsidio aos estudantes de jurisprudencia.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa